



# MAGNÍFICA E MISERÁVEL

---

ANGOLA DESDE  
A GUERRA CIVIL

RICARDO SOARES DE OLIVEIRA

L I S B O A  
TINTA-DA-CHINA  
M M X V

*Para a Devika*

## ÍNDICE

<i>Agradecimentos</i>	9
<i>Lista de siglas e acrónimos</i>	13
<i>Mapas</i>	16
INTRODUÇÃO: «Angola começa agora»	19
I. À sombra da guerra:	
O petróleo e a construção do estado paralelo	51
II. O espectáculo da reconstrução	85
III. A consolidação do MPLA enquanto partido-estado	139
IV. O capitalismo oligarca à maneira de Angola	193
V. A ascensão de Angola: Estratégias internacionais em tempo de paz	239
CONCLUSÃO: Angola no pós-guerra	285
<i>Notas</i>	309
<i>Bibliografia seleccionada</i>	353
<i>Índice onomástico</i>	367

© 2015, Ricardo Soares de Oliveira  
© 2015, Edições Tinta-da-china, Lda.  
Todos os direitos reservados de acordo  
com a legislação em vigor

Tinta-da-china  
Rua Francisco Ferrer, 6 A  
1500-461 Lisboa  
Tels.: 217269028/29  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Título original: *Magnificent and Beggar Land:  
Angola Since the Civil War*

Título: *Magnífica e Miserável:  
Angola desde a Guerra Civil*  
Autor: Ricardo Soares de Oliveira  
Tradução: Susana Sousa e Silva  
Revisão: Tinta-da-china  
Capa e composição: Tinta-da-china

1.ª edição: Outubro de 2015

ISBN: 978-989-671-281-5  
Depósito Legal: 398855/15

## AGRADECIMENTOS

O meu fascínio por Angola surgiu há mais de quinze anos e, ao longo do processo de descoberta da sua história paradoxal, feita de tragédia e de enorme potencial, contraí dívidas extraordinárias. Este livro, assente na minha competência e na minha experiência, constitui um esforço para, nas palavras de Joseph Brodsky, compreender aquilo em que se tornou esta «terra magnífica e miserável» depois de terminada uma longa guerra civil. O meu maior agradecimento vai para os incontáveis angolanos que aceitaram falar comigo abertamente, sobretudo entre 2009 e 2013. Grande parte das entrevistas e conversas que mantive foram de carácter confidencial. Nem eles, nem aqueles a quem agradeço mais adiante podem ser responsabilizados pelos meus pontos de vista ou por eventuais incorrecções.

Um projecto desta magnitude não teria sido possível sem o apoio generoso do Leverhulme Trust, cuja bolsa de investigação para o ano lectivo de 2011-12 me permitiu conduzir o trabalho de campo e reunir o material para redigir este livro. O Leverhulme Trust não hesitou em suportar os custos elevados da investigação realizada em Angola, reduzindo ao mínimo as formalidades burocráticas. Agradeço ao Master e aos Fellows de St. Peter's College e ao Departamento de Política e Relações Internacionais da Universidade de Oxford pela concessão de uma licença sabática para esse período. Estou igualmente em dívida para com a Academia Britânica, pela atribuição da Small Research Grant de 2009, com a qual pude financiar três viagens a Angola, e à minha profícua passagem pelo Sciences Po, onde leccionei entre Março e Abril de 2012 na qualidade de professor convidado da

OXPO\*. A minha posição como investigador associado sénior no Instituto Christian Michelsen, em Bergen, a partir de Setembro de 2013, permitiu-me dialogar com um grupo de investigadores brilhantes, muitos deles com mais de uma década de experiência em questões relacionadas com Angola. Por último, quero manifestar o meu incessante apreço pelo trabalho realizado pelo Global Public Policy Institute, a que me encontro ligado desde 2005 e, em particular, a Wolfgang Reinecke e a Thorsten Benner.

Durante a minha permanência em Luanda, usufruí da maravilhosa hospitalidade do meu amigo Alexandre Manuel Santos e de sua mãe, entretanto falecida, D. Maria Alice Santos. A Dona Alice, antiga directora do prestigiado Colégio de Santa Teresinha, no Sumbe, era uma mulher de grande personalidade e uma patriota angolana. Em casa do Manuel senti-me como se estivesse na minha própria casa e não tenho palavras para agradecer a forma como ele e os seus amigos me acolheram. Também em Luanda, tive o privilégio de debater temas relacionados com o sector energético com José Oliveira. Manuel Alves da Rocha, director do Centro de Estudos e Investigação Científica (CEIC) da Universidade Católica de Angola — uma ilha de excelência e o principal centro de investigação do país — disponibilizou-me o seu tempo e o seu saber com uma enorme generosidade, tal como Nelson Pestana e Regina Santos. Ao longo de muitas conversas, partilhei reflexões inestimáveis com Fernando Pacheco, Jerónimo Belo, Rafael Marques, Sérgio Calundungo, Miguel Gomes, Carlos Leite, Carlos Rosado de Carvalho, Cesaltina Abreu, Belisário dos Santos e o já falecido João Van Dunem.

Tenho também uma dívida de gratidão para com investigadores das questões angolanas como Didier Péclard, Michel Cahen, Justin Pearce, Assis Malaquias, António Tomás, Paulo Inglês, Chloé Buire, Ana Duarte, Cheryl Schmitz, Claudia Gastrow, Paula Roque e Sylvia Croese, pelos seus valiosos contributos, e ainda para com Jon Schubert e Marissa Moorman, que me enviaram dois artigos importantes, à época ainda não publicados.

\* O OXPO (Oxford-Sciences Po Research Group) é um programa de cooperação científica e intercâmbio entre a Universidade de Oxford e o Instituto de Ciências Políticas de Paris que promove o contacto entre docentes e investigadores das duas instituições com o objectivo de encorajar e estimular projectos científicos conjuntos. (N. da t.)

Mathias de Alencastro foi uma fonte de conhecimento sobre as Lundas e um grande companheiro de viagem nas deslocações ao leste de Angola. Gostaria de referir a generosidade da já desaparecida Christine Messiant, cujo extraordinário trabalho sobre Angola continua a influenciar-me até hoje. Conheci a Christine em 2003 durante uma estada de cinco meses em Paris, e ao longo dos dois anos seguintes beneficiei dos seus preciosos conselhos sobre o trabalho de investigação em Angola.

O aspecto mais empolgante da preparação e da redacção deste livro foi, provavelmente, o facto de me ter permitido testemunhar o aparecimento de uma nova geração de investigadores, cujo trabalho está a alterar o nosso conhecimento sobre Angola e a colocar este país africano na vanguarda dos debates académicos e políticos sobre o continente. Fazer investigação em Angola continua a ser difícil e muito dispendioso, mas o entusiasmo compensa amplamente todos os inconvenientes. Em Julho de 2011, organizei uma conferência sobre a investigação angolana, em Oxford, em colaboração com Manuel Ennes Ferreira, a que se seguiu uma outra, organizada em conjunto com Aslak Orre e Mathias de Alencastro. Ambas resultaram de uma colaboração com o ISEG, em Lisboa, o CMI, e três universidades luandenses: a Universidade Católica de Angola, a Universidade Lusíada e a Faculdade de Economia da Universidade Agostinho Neto. Estou grato aos participantes das duas conferências pelas suas excelentes intervenções, esperando que estes encontros de académicos se tornem mais frequentes e sejam cada vez mais uma realidade em Angola.

Kathryn Allawalia, da revista *Foreign Affairs*, Tom Burgis, do *Financial Times*, e Rosemary Bechler, do portal *Open Democracy*, tiveram a amabilidade de me pedir que escrevesse alguns textos ou de aceitar publicar artigos sobre Angola que foram úteis para clarificar as minhas ideias sobre o tema. A primeira parte do Capítulo I, alguns segmentos do Capítulo II, e a última parte do Capítulo III têm por base artigos que publiquei no *Journal of Modern African Studies* (2007 e 2011) e na revista *Politique Africaine* (2013). Michael Dwyer, da Hurst Publishers, bem como Jon de Peyer, Rob Pinney e Fatima Jamadar revelaram-se, mais uma vez, uma equipa maravilhosa e agradeço-lhes pela sua dedicação a este livro.

Há mais de dez anos que Manuel Ennes Ferreira é um interlocutor privilegiado sobre as questões angolanas, e retirei um enorme prazer das nossas longas conversas em Lisboa, Luanda e Oxford. O Manuel teve a paciência de ler o manuscrito e deu-me conselhos minuciosos, tal como Aslak Orre, apesar dos seus compromissos pessoais exigentes. Gavin Williams, Michel Cahen e Zaheer Kazmi também leram partes do livro e deram-me as suas valiosas opiniões. Tive diálogos enriquecedores sobre diversos aspectos deste livro com Peter Lewis, Anne Pitcher, Manuela Franco, Chris Alden, Marta Magalhães, Kjetil Hansen-Shino, José Cutileiro, David Sogge, Pedro Rosa Mendes, Michael Watts, Roland Marchal, Pedro Aires Oliveira, Richard Banégas, Raufu Mustapha, Naomi Chazan, Jocelyn Alexander, Kate Meagher, Philipp Rotmann, o general Carlos Branco, Yossi Melman, Richard Caplan, Richard Dowden, Nic Cheeseman, Mats Berdal, J.R. Mailey e Odd-Helge Fjelstad. As minhas conversas com Harry Verhoeven e Will Jones sobre os construtores de estados iliberais conferiram uma estimulante dimensão comparativa à minha reflexão sobre a experiência angolana. Em Oxford, beneficiei de indispensáveis sugestões de diversos colegas, em particular de David Anderson, Neil MacFarlane e Nancy Bermeo. James Mayall, Yezid Sayigh e Christopher Clapham apoiaram este projecto desde o primeiro momento e estou-lhes grato pela fé inabalável que depositaram no meu trabalho. Thorsten Benner e Daniel Large foram, como sempre, inexecutáveis no seu apoio.

A investigação e a redacção deste livro devem muito ao apoio da minha família, que se manteve à medida que a tarefa se foi prolongando no tempo. Em Portugal, deixo um agradecimento especial à Adelina, ao Miguel e ao Tomás. Em Paris, estou grato a Anne, pela sua infinita paciência e benevolência. A minha maior dívida, porém, é para com a Devika, a quem dedico este livro.

*Oxford, Fevereiro de 2014*

## LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS

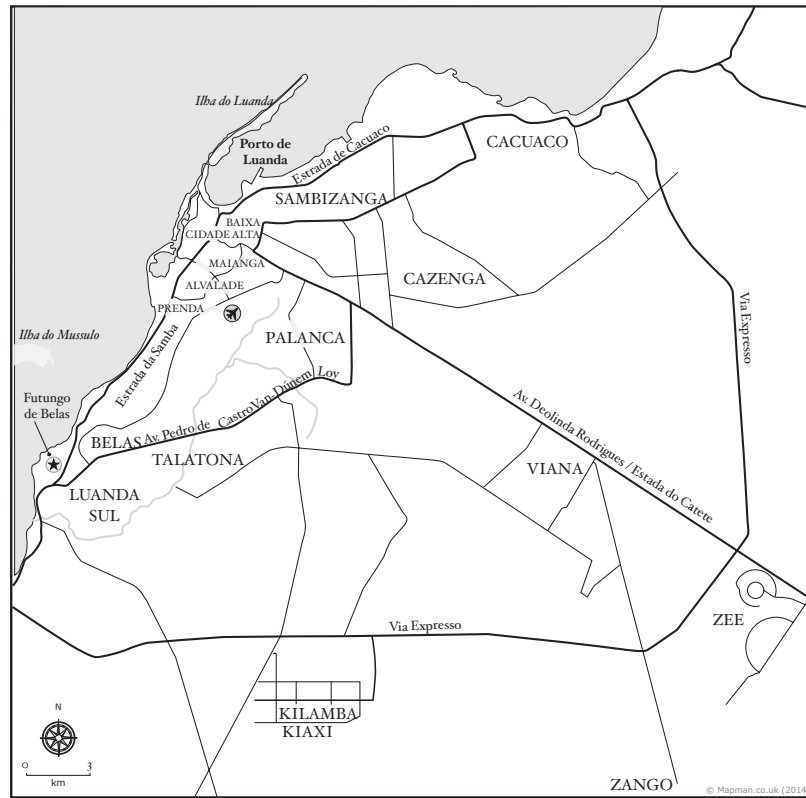
AATA Associação Angolana de Autoridades Tradicionais	CITIC China International Trust and Investment Corporation
AJAPRAZ Associação dos Jovens Angolanos Provenientes da República da Zâmbia	CNPC China National Petroleum Corporation (companhia petrolífera propriedade do estado chinês)
ANIP Agência Nacional de Investimento Privado	CPLP Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
BAI Banco Angolano de Investimentos	CPP Contrato de Partilha de Produção
BFA Banco de Fomento Angola	ENSA Empresa Nacional de Seguros de Angola
BNA Banco Nacional de Angola	FAA Forças Armadas de Angola
BPI Banco Português de Investimento	FALA Forças Armadas de Libertação de Angola
BPN Banco Português de Negócios	FAPLA Forças Armadas Populares de Libertação de Angola
BRINDE Brigada de Informação e Defesa do Estado	FESA Fundação Eduardo dos Santos
CABGOC Cabinda Gulf Oil Company	FLEC Frente de Libertação do Enclave de Cabinda
CACS Conselhos de Auscultação e Concertação Social	FLEC-FAC Frente de Libertação do Enclave de Cabinda — Forças Armadas de Cabinda
CASA-CE Convergência Ampla de Salvação de Angola — Coligação Eleitoral	FMI Fundo Monetário Internacional
CIF Fundo Internacional da China	FNLA Frente Nacional de Libertação de Angola

FOCAC Fórum de Cooperação China-África	Independência da Guiné e Cabo Verde
FRELIMO Frente de Libertação de Moçambique	PDI Pessoas Deslocadas Internamente
FSDEA Fundo Soberano de Angola	PIR Polícia de Intervenção Rápida
GOSPLAN Comissão Estatal de Planeamento (União Soviética)	PME Pequenas e Médias Empresas
GRN Gabinete de Reconstrução Nacional (Angola)	PNUD Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
INAR Instituto Nacional de Assuntos Religiosos	PPE Pessoa Politicamente Exposta
JES José Eduardo dos Santos	PRESILD Programa de Reestruturação do Sistema de Logística e de Distribuição de Produtos Essenciais à População
JMPLA Juventude do MPLA	PRI Partido Revolucionário Institucional
JURA Juventude Unida Revolucionária de Angola	PRS Partido da Renovação Social
LIMA Liga da Mulher Angolana	RPC República Popular da China
MAT Ministério de Administração do Território	RSE Responsabilidade Social das Empresas
MINARS Ministério da Assistência e Reinserção Social	SADC Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral
MPLA Movimento Popular de Libertação de Angola	SIE Serviço de Inteligência Externa
OCDE Organização para a Cooperação e Desenvolvimento	SIIND Sonangol Investimentos Industriais
OI Organização Internacional	SINFO Serviço de Inteligência e Segurança do Estado
OMA Organização da Mulher Angolana	SONANGOL Sociedade Nacional de Combustíveis de Angola
OPEP Organização dos Países Exportadores de Petróleo	SONATRACH Société Nationale pour la Recherche, la Production, le Transport, la Transformation, et la Commercialisation des Hydrocarbures
OPI Oferta Pública Inicial	
OSI Open Society Institute	
OUA Organização da Unidade Africana	
PAIGC Partido Africano da	

SONIP Sonangol Imobiliária e Propriedades	UNAP União Nacional dos Artistas Plásticos
SWAPO Organização do Povo do Sudoeste Africano	UNAVEM Missão de Verificação das Nações Unidas em Angola
FSDE Fundo Soberano de Angola	UNITA União Nacional para a Independência Total de Angola
TAAG Linhas Aéreas de Angola	UPA União dos Povos de Angola
UEA União de Escritores Angolanos	ZEE Zona Económica Especial
UNAC União Nacional dos Artistas e Compositores	



MAPA 1: LUANDA



MAPA 2: ANGOLA



## INTRODUÇÃO

### «Angola começa agora»

Ao cair da noite, no extremo da Ilha de Luanda, a península de lazer que separa a baía e a cidade do alto-mar, é impossível não ficarmos extasiados com o cenário que se desdobra diante de nós. Os bairros degradados e os seus habitantes mal se vêem, engolidos pela escuridão. Os contornos da cidade moderna, feericamente iluminada por vertiginosos arranha-céus, que proliferam mês após mês, e a nova avenida marginal ao estilo de Copacabana, deixam-nos deslumbrados. Na Ilha, os bares e restaurantes mais caros de África oferecem entretenimento a uma clientela cosmopolita, enquanto ao largo, em pleno Oceano Atlântico, dezenas de navios aguardam, ociosamente, o privilégio de poder descarregar a sua carga no porto de Luanda. Vistos deste ponto de observação privilegiado, os dez anos de paz vividos em Angola graças à subida dos preços do petróleo surgem, de facto, como um milagre económico.

E, no entanto, até há muito pouco tempo, Angola era um país devastado, onde poucos estrangeiros ousavam aventurar-se. Esta antiga colónia portuguesa permaneceu isolada do resto do mundo graças a uma terrível guerra que se arrastou por mais de quatro décadas, terminando apenas em 2002, com a morte de Jonas Savimbi, o líder da facção rebelde. O conflito, que roubou a vida a talvez um milhão de pessoas, manteve ligações próximas com diferentes dinâmicas internacionais, como a luta contra o colonialismo e o *apartheid*, a Guerra Fria, e a avidez comercial pelo petróleo e os diamantes. Muitos actores externos — senhores do petróleo oriundos de países ocidentais, militares cubanos, negociantes de pedras preciosas israelitas, mercenários de todo o mundo — desempenharam papéis de destaque neste drama prolongado. Todavia, em virtude

da sua natureza complexa e remota, a guerra nunca penetrou na consciência global. De acordo com Paul Theroux, Angola permaneceu «uma terra estrangeira sem rosto»<sup>1</sup>, praticamente desconhecida de todos, excepto de um pequeno grupo de especialistas.

A experiência angolana do pós-guerra torna-se, assim, ainda mais extraordinária. Num curto período de tempo, este estado dito falhado tornou-se uma das economias com o crescimento mais rápido do mundo e a terceira maior da África subsariana, com um PIB da ordem dos cento e vinte e um mil milhões de dólares em 2013. O país é, hoje, o principal parceiro comercial da China no subcontinente e o segundo dos Estados Unidos. Luanda, uma metrópole que atrai seis milhões de angolanos e centenas de milhares de expatriados, é sistematicamente distinguida com o título falacioso de cidade mais cara do mundo e vive entre um processo de reinvenção urbana inspirado no Dubai e uma verdadeira investida de artigos de luxo. O todo-poderoso regime angolano, controlado com mão de ferro pelo presidente José Eduardo dos Santos (JES) desde 1979, define os contornos da paz interna e move-se na cena internacional com uma agilidade raramente vista entre as elites políticas africanas. Este livro analisa esta história extraordinária e ainda pouco estudada.

A década da reconstrução de Angola — já em si de grande interesse — permite também tirar importantes ilações para o estudo comparativo dos percursos realizados pelos países em vias de desenvolvimento. A natureza excessiva de Angola — em particular, dos seus recursos e de tudo o que deles procede — põe nitidamente em evidência algumas dinâmicas que, noutros espaços, se desenvolvem de forma mais discreta. Angola é a prova da existência de concepções firmes da ordem política em períodos de pós-guerra que se desviam das expectativas dos financiadores da construção do estado liberal e optam por não convergir com os modelos ocidentais<sup>2</sup>. Revela também que as elites, longe de serem frágeis ou de necessitarem de reforçar as suas competências, podem intervir activa e significativamente na concepção das instituições e no rumo a seguir pelas sociedades em que estão inseridas. Além disso, a análise da Angola do pós-guerra explica a economia política dos estados ricos em recursos, numa época caracterizada pelo preço elevado das matérias-primas, permitindo

avaliar o impacto da riqueza destes recursos na consolidação dos regimes, na expansão do capitalismo africano, nas possibilidades de diversificação económica e na probabilidade de ascensão de estados capazes de estimular o desenvolvimento alargado. Por fim, enquanto principal protagonista da década da «África em Ascensão» e inserida num processo de transição geopolítica que assistiu ao surgimento da China e de outros estados enquanto importantes intervenientes no continente, Angola é um caso paradigmático para compreendermos a posição dos estados africanos no sistema internacional.

### À PROMESSA DE PAZ

O final da guerra civil de Angola é um momento-chave para compreender o poder do regime do MPLA<sup>3</sup> no período do pós-guerra. Muitos conflitos africanos cessam graças a tréguas mediadas por actores estrangeiros que acarretam uma partilha do poder entre as facções beligerantes. Estes acordos não costumam perdurar, como sucedeu com os fracassados processos de paz em Angola, na década de 1990. A resolução definitiva do conflito em Angola veio a acontecer com o triunfo brutal do governo sobre a UNITA. Recorrendo ao expediente clássico de destruição do inimigo, o partido dirigente alcançou um domínio categórico sobre Angola.

A vitória militar não tardou a lucrar com uma prosperidade económica sem precedentes na história angolana. O país era, há muitos anos, o segundo maior produtor de petróleo da África subsariana, apenas ultrapassado pela Nigéria, e as receitas do petróleo foram fundamentais para o financiamento do esforço de guerra. No entanto, os súbitos proventos proporcionados pela subida dos preços do petróleo no pós-guerra, e a duplicação da produção petrolífera para dois milhões de barris por dia, em 2008, fortaleceram de forma decisiva o posicionamento do MPLA, tanto no plano interno como externo. Por seu turno, a população angolana, ansiosa pelo restabelecimento da ordem e exaurida por um conflito que consumiu duas gerações, não colocou entraves à liderança do MPLA.

O regime passou a controlar o espaço político e possuía os meios financeiros para executar o seu programa de reconstrução. A sua posição permitiu-lhe ignorar as políticas de consolidação de paz patrocinadas pelo Ocidente, optando por colaborações com o sector privado estrangeiro e não, como é habitual, com ONG e organizações internacionais.

A invulgar margem de manobra de Angola na definição das prioridades para o pós-guerra teve como corolário um dos mais espectaculares processos de reconstrução das últimas décadas, para o qual foram mobilizados recursos consideráveis. Dezenas de milhares de milhões de dólares foram gastos na construção de infra-estruturas, incluindo a rede viária e o sistema ferroviário, em projectos aparatosos como estádios desportivos e centros comerciais, e na reformulação da paisagem urbana. Durante este processo, o país acolheu uma força de trabalho constituída por cidadãos ocidentais e leste-asiáticos, sobretudo portugueses e chineses. Anteriormente inacessível, Angola alberga hoje uma miscelânea de prestadores de serviços oriundos de todo o mundo. Contudo, o modelo adoptado para a reformulação de Angola é o da elite angolana: a visão grandiosa decorrente do *boom* económico que promove uma modernização feita sob a orientação do estado e um desenvolvimento «inclusivo», pelo menos no plano retórico, praticamente irreconhecível para os que, escassos anos antes, descreviam Angola como um «estado não governamental»<sup>4</sup>. Tudo isto, porém, ultrapassa em muito o mero processo de reconstrução, pois este regime fortemente implantado procura construir o estado e moldar Angola à sua imagem, que é, finalmente, hegemónica.

À semelhança de outros estados ricos em petróleo favorecidos por um súbito aumento de recursos disponíveis, esta autoconfiança estende-se ao contexto internacional. Na África contemporânea, poucos percursos ilustram melhor a aparente mudança de rumo do continente do que o sucesso da reformulação do estatuto de Angola no plano externo. O país, que no passado se debatia com graves dificuldades económicas, evidencia, hoje, o optimismo e a desenvoltura de uma potência emergente e mantém relações com outros estados em ascensão no mundo em vias de desenvolvimento. Angola tornou-se um importante investidor estrangeiro com interesses em todo o mundo, tendo ainda adquirido posições

importantes na economia da potência imperial que outrora dominou o país. Perseguido por críticas ao seu historial em matéria de governação nos últimos anos da guerra, o MPLA conseguiu renegociar com sucesso as suas relações com os estados ocidentais. Estes, não obstante a sua professada devoção à reforma global das indústrias extractivas, não hesitaram em dar prioridade aos seus interesses empresariais em Angola e em abdicar de preocupações normativas. O fascínio por Angola de investidores estrangeiros na área dos hidrocarbonetos e no sector financeiro, assim como as incontáveis e lucrativas oportunidades de reconstrução que o país oferece, tornaram tudo muito fácil.

A conjuntura do pós-guerra proporcionou a este país magnífico uma oportunidade ímpar. Com um território que engloba vastas extensões de floresta, desertos e regiões montanhosas cobertas por uma vegetação exuberante, e com uma superfície territorial equivalente às áreas conjuntas da Itália, da Alemanha e da França, as perspectivas económicas que se apresentam a Angola são assombrosas, mesmo tendo em conta a extensa e avultada destruição causada pela guerra. A população angolana, estimada em vinte milhões de indivíduos, é significativa, mas ainda assim fácil de gerir. Por mais impressionante que possa ser, a sua riqueza actual assenta quase exclusivamente na produção de petróleo e na extracção de diamantes. A totalidade dos recursos naturais do país inclui reservas minerais de elevada qualidade e um tremendo potencial nos sectores da agricultura, da energia hidroeléctrica e das pescas. Cansados da guerra, os angolanos acolheram de braços abertos as esperanças de desenvolvimento e a percepção das oportunidades trazidas pelo pós-guerra. Mesmo que apenas uma parte dessa promessa seja cumprida, Angola será um caso à parte no grupo das economias emergentes. E, numa década marcada por um renovado optimismo em relação ao potencial de desenvolvimento do continente africano, o rumo final de um dos seus principais actores e exportadores de matérias-primas — seja ou não capaz de operar a transição da guerra para a paz, da pobreza para a prosperidade e da dependência do petróleo para uma economia diversificada — extravasa em muito os limites das suas fronteiras.

Contudo, os recursos angolanos e a promessa que representam não podem ser separados da trágica herança do país em matéria de

exploração, intervenção estrangeira e de sofrimento ininterrupto. Angola foi, primeiramente, desfigurada por duzentos e cinquenta anos de comércio transatlântico de escravos que deixaram marcas profundas na cultura do estado e da sociedade. Mais tarde, o colonialismo branco constituiu um entrave à formação de uma burguesia africana forte, travou toda e qualquer participação numa política pluralista e adiou, até muito tarde, o desenvolvimento. A experiência afro-estalinista vivida nas cidades, no período pós-colonial, encontrou correspondência na ordem tirânica imposta nas zonas rebeldes, ambas eivadas de um grande envolvimento externo na guerra civil. À semelhança de muitos outros estados ricos em recursos do mundo em vias de desenvolvimento, Angola falhou, claramente, o objectivo de colocar as suas riquezas minerais ao serviço da diversificação económica ou da prosperidade inclusiva, ainda que uma minoria de privilegiados dela tenha beneficiado desde sempre. A sua população continua a figurar entre as mais pobres do mundo. Um dos fios condutores que percorre toda a história angolana é o desrespeito, e até a crueldade, dos poderosos em relação aos que não têm poder: seja pela mão de dirigentes autóctones, seja por obra de estrangeiros venais, o desígnio permanente tem sido a extracção das riquezas do país, sem qualquer consideração pelos interesses da maioria dos angolanos.

Nesta conjuntura excepcional, o desafio que se coloca a Angola é perceber se este penoso padrão histórico pode ou não ser anulado. Tendo como objecto de estudo os primeiros dez anos do processo de reconstrução angolano e centrado-se na sua elite e na actuação do partido-estado, *Magnífica e Miserável* formula as seguintes perguntas: qual é a essência desta paz definida pelos vencedores e do programa de reconstrução e de construção do estado liderado pelo regime? Qual é o projecto de modernização do MPLA e a quem se destina? Será o recém-adquirido estatuto internacional de Angola sustentável? Será o país capaz de mobilizar os seus recursos naturais e a sua invulgar autonomia em relação a pressões externas no sentido de criar um crescimento em sentido lato e uma economia diversificada? Poderão os angolanos ser tratados, pela primeira vez na sua história, como cidadãos, e ser-lhes-á permitido realizarem-se enquanto indivíduos numa sociedade digna?

Este sentido de possibilidade encontra-se perfeitamente plasmado no lema assiduamente proclamado por angolanos de todas as condições e estratos sociais, nos primeiros anos do pós-guerra: «Angola começa agora»<sup>5</sup>.

## HERANÇAS

O ano de 2002 não foi, evidentemente, a «hora zero» de Angola, pois o país entrou no pós-guerra carregando uma pesada herança que não se esfumou com a derrota da UNITA. Porém, a maioria dos estrangeiros, que pouco sabiam sobre Angola e nela projectavam quaisquer teorias de conflito que parecessem conferir-lhe sentido, nunca compreendeu verdadeiramente os matizes históricos da guerra civil. Durante a Guerra Fria, o país foi considerado um terreno de combate no qual as superpotências se faziam representar pelos seus «estados-satélites», Cuba e África do Sul. Na década de 1990, Angola constituiu a epítome da «nova guerra» impulsionada pela ganância, em que os protagonistas se enchiam de petróleo e diamantes, acenando pontualmente com o espectro dos «conflitos tribais». Incorrectos quando apresentados como explicações únicas para o conflito, estes factores não são totalmente falsos. A Guerra Fria agravou o drama de Angola, os recursos naturais ajudaram a sustentar as facções beligerantes e o conflito encerrava, de facto, uma dimensão étnica<sup>6</sup>. Assim, embora tenham exacerbado a guerra civil, estes elementos não estiveram na sua origem. As causas do conflito prendem-se, sobretudo, com a longa e desarticulada inserção de Angola na economia mundial e com os modelos políticos de poder e exclusão que se foram sedimentando ao longo de séculos no plano interno. O resultado foi uma disputa pelo controlo do estado entre diferentes elites com projectos nacionalistas distintos, durante a última fase do domínio colonial e nos primeiros anos do período pós-colonial. Na história angolana, escreve Christopher Cramer, «sente-se o eco da continuidade»<sup>7</sup>. Esta história não conduziu inexoravelmente à guerra, mas não é possível entender o conflito sem o situar num contexto histórico.

Antes de mais, importa reconhecer o significado da violenta integração de Angola na economia mundial a partir de finais do século xv.

Uma das ironias da história angolana é a forte ligação, desde o início da expansão europeia, entre este pedaço do continente africano e o resto do mundo. Contrariando o mito dos cinco séculos de ocupação portuguesa inventado por propagandistas coloniais, os investigadores têm sublinhado a fragilidade e o carácter tardio da ocupação efectiva do território daquilo que, mais tarde, viria a ser Angola. É sabido que em 1904 os portugueses controlavam apenas dez por cento do território e que algumas comunidades, a leste e a sul, apenas seriam subjugadas na década de 1920<sup>8</sup>. Todavia, os enclaves do litoral, como Luanda (fundada em 1575) e Benguela (1617), assim como um estreito corredor ao longo do Rio Cuanza, estavam sob domínio português há centenas de anos<sup>9</sup>. Constituindo dois dos mais importantes enclaves africanos do comércio atlântico, a sua expansão económica acabaria por se alargar a vastas regiões da África Central e, com a conivência de alguns reinos do interior, terá condenado ao cativo uma percentagem da população africana mais elevada do que em qualquer outra zona de captura de escravos do continente<sup>10</sup>. Analisados em retrospectiva, estes bastiões do poder português, que permaneceram sob ocupação permanente, poderão parecer frágeis, mas o certo é que haveriam de constituir o embrião para a posterior conquista do interior, mantendo-se, até hoje, o epicentro político e económico de Angola. Assim, nunca é demais insistir na sua importância para a história de Angola.

A criação de uma comunidade afro-portuguesa em torno dos portos negreiros foi extremamente importante. Durante muito tempo, esta comunidade desempenharia um papel decisivo na articulação das relações entre o interior de Angola, em particular as regiões de etnia Mbundu situadas nas regiões limítrofes de Luanda e do rio Cuanza, e o resto do mundo. Apesar da escassez de europeus, cuja população foi constantemente desfalcada por doenças tropicais até ao século XIX, o comércio de escravos e o governo da colónia permaneceram efectivamente sob o controlo de dinastias locais que falavam português, residiam em luxuosos palácios, ocupavam cargos administrativos de prestígio e consideravam-se súbditos leais da Coroa portuguesa. Nos últimos anos, estas comunidades do litoral têm sido designadas por alguns académicos como «criou-

las». O termo nunca foi entendido como uma autodefinição, e alguns intelectuais angolanos hesitam em empregá-lo<sup>11</sup>. No entanto, ele é útil de duas maneiras. Primeiro, traduz a ideia de que estas comunidades são o produto do colonialismo e estão na origem de uma cultura nova e híbrida. Ainda que muito associada à descendência miscigenada dos portugueses, a criouldade é, de facto, uma categoria multirracial definida pela cultura. Acima de tudo, os crioulos definem-se pelo que não são, ou seja, «indígenas/nativos»<sup>12</sup>. Segundo, o termo «crioulo» situa a experiência pré-colonial angolana no contexto mais vasto dos enclaves comerciais europeus espalhados pela costa ocidental de África, do Senegal à Serra Leoa, do Benim a Lagos, e mais abaixo, desde o começo da idade moderna até à partilha de África. Angola foi, no entanto, o único território onde este grupo teve um papel determinante na constituição da elite pós-colonial, e só aí a sua cultura muito específica veio a definir a nação.

Durante muitos anos, este resultado não foi um dado adquirido. O estatuto social dos crioulos sofreu um inesperado declínio após a partilha de África, iniciada na década de 1880. No começo, eles ainda se assumiam como um grupo civilizado e denegriam as populações do interior apelindando-as de selvagens, tendo mesmo colaborado na ocupação portuguesa do interior do território. Todavia, com a chegada dos colonos brancos, os não-brancos depressa foram relegados para funções subalternas na administração pública, o que acarretou um recuo ainda maior no plano social. As reacções angustiadas e eloquentes dos «filhos da terra»<sup>13</sup>, divulgadas pela reduzida imprensa de Luanda da década de 1890, constituem algumas das mais antigas iterações da «Angolanidade»<sup>14</sup>, e, com o passar do tempo, seriam transformadas numa narrativa nacionalista por ideólogos anticolonialistas em busca de uma genealogia. A natureza das suas queixas, porém, foi sempre problemática. Os crioulos entremeavam afirmações de orgulho angolano com reivindicações de direitos enquanto súbditos portugueses; mobilizavam-se contra as políticas mercantilistas da metrópole que travavam o desenvolvimento da colónia, mas apoiavam o tráfico negreiro e o subsequente negócio de trabalhadores contratados. Como assinalou o historiador Malyn Newitt: «A sua principal orientação era sempre os interesses do seu próprio grupo [...] a verdadeira natureza

## ÍNDICE ONOMÁSTICO

- AAA, EMPRESAS 202  
AATA 13, 180  
Abrantes, José Mena 76, 324  
Abreu, Ricardo Viegas de 267, 346  
Abu Dabi 209  
África do Sul 25, 32, 35, 37, 55, 57, 60, 146,  
201, 202, 261, 262, 314, 342  
Aqualusa, José Eduardo 219, 309, 312, 326,  
340  
AJAPRAZ 13, 162  
Alberto do Mónaco 219  
Aldeia Nova 100, 104, 108-11, 135, 322  
Alemanha 23, 255, 323  
Alemanha Oriental 116, 326-7  
Algarve 277  
Alpha 5 182  
Alvalade 114, 337  
Alves, Nito 36, 145, 155, 171, 326, 352  
Amnistia Internacional 133, 322  
Andrade, Mário Pinto de 143, 325  
ANGOL 58  
Arábia Saudita 70, 275, 304  
Aramco 64, 70  
Argélia 264, 326  
Argentina 272  
Arthur D. Little 59, 314  
Ascot 219  
Associação Industrial 205, 338  
  
BAE SYSTEMS 275  
BAI 13, 201, 203-4, 222, 265, 340  
  
Baku 71  
Banco Espírito Santo 204  
Banco Mundial 62, 95, 122, 129, 211, 314,  
320, 323, 324, 335, 338, 347  
Bank of America 258  
Barcelona 293  
Bembe, António Bento 184  
Ben Ali 126  
Bengo 174  
Benguela 17, 26, 95-6, 98, 163, 215, 229, 287,  
309, 323, 339  
Benim 27  
Bento Bento 163  
Bento dos Santos Kangamba 162-3, 218,  
228, 329, 330, 341  
Bento Raimundo 163  
Bermudas 69-70, 243, 270  
BESA 204, 280  
Bessangana 228, 341  
BFA 13, 336  
BIC (banco) 276  
Bicesse 37  
Black Power 167, 330  
Bloco Democrático 164, 169  
BNA (banco) 13, 203, 267  
Boone, Catherine 201, 336  
Botsuana 268  
Bowerbank, Michael 178, 332, 354  
BP 121  
BPI (Banco Português de Investimento)  
13, 276, 336

BPN (Banco Português de Negócios) 13, 276  
 Brasil 131, 252, 258-62, 264, 267, 280, 325, 345, 350  
 Brautigam, Deborah 91, 319  
 Brazzaville (República do Congo) 39, 71, 149, 184, 260, 333, 343  
 Bretton Woods 89  
 BRINDE (Brigada de Informação e Defesa do Estado) 13, 311  
 Brownlee, Jason 149, 151, 327  
 Bureau Político 56, 72, 151, 153, 177, 295  
 Bush, George Walker 90, 258  
  
 CABGOC (CABINDA GULF OIL COMPANY) 13, 57, 61  
 Cabinda (Angola) 13, 17, 30-1, 38, 42, 57, 63, 66, 155, 165, 174, 183-5, 189, 290, 329, 333, 350  
 Cabo Verde 14  
 Cacanda (Lunda-Norte) 110, 322  
 CACS (Conselhos de Auscultação e Concertação Social) 13, 178  
 Cacuaco (Luanda) 16, 288  
 Café, Maria Mambo 77  
 Caimão, ilhas 243  
 Calulo (Cuanza Sul) 182  
 Camarões 149, 341  
 Canadá 255  
 Capapinha, Job 163  
 Caracas 224  
*Caras Angola* 218, 220, 351  
 Carneiro, Higino 182, 330, 337  
 Carvalho, Mendes de («Miau») 167, 286  
 Carvalho, Ruy Duarte de 178, 355  
 CASA-CE (Convergência Ampla de Salvação de Angola Coligação Eleitoral) 13, 164, 167-8, 286, 303, 304  
 Casa Civil 76  
 Casa Militar 76, 78-9, 203  
 Cascais 277, 315  
 Catanga (República Democrática do Congo) 97  
 Catherine Boone 201  
 Catherine, duquesa de Cambridge 219  
 Catoca (Lunda-Sul) 181  
 Catumbela (Benguela) 98  
 Caxito 17, 116  
 Cela (Cuanza Sul) 108  
 Cerqueira, José 109, 322, 328  
 Chávez, Hugo 272, 287, 307  
 Chevron 33, 38, 61, 257  
 Chicoti, Georges 246  
 China 13-4, 20-1, 35, 48, 90-2, 105, 107, 131, 172, 239, 249-53, 258, 260, 262, 264, 267, 271-4, 319, 323, 343-4, 347, 353  
 Chingunji, Tito 36  
 Chipenda, Daniel 144, 326  
 Chitunda, Jeremias 38  
 Chivukuvuku, Abel 167, 176, 286, 327, 330  
 Chubais, Anatoly 193, 234  
 CIA (Central Intelligence Agency) 257, 319, 352  
 Cidade Alta (Luanda) 74, 246  
 CIF (China International Fund) 92-3, 95, 222, 257, 263, 271-5, 282, 340, 347-8  
 CITIC (China International Trust and Investment Corporation) 13, 105, 273  
 Clube de Paris 92  
 Club-K 223  
 CNN 268, 327, 345  
 CNPC (China National Petroleum Corporation) 13, 266  
 Comissão Nacional para a Reestruturação do Sector do Petróleo 57  
 Comité Central 153, 159, 331  
 Conceição, Aldemiro Vaz da 76  
 Conferência Internacional na Região dos Grandes Lagos 261  
 Congo 17, 30-1, 39, 144, 149, 184, 307, 333, 343  
 Congo Belga 30  
 Contrato de Partilha de Produção (PSA) 13, 60, 204  
 Coreia 252  
 Coreia do Sul 252

Coréon Dú (José Eduardo Paulino dos Santos) 228, 351  
*Correio da Manbã* 276, 348  
 Costa do Marfim 118, 261, 284, 307  
 Costa Fernandes, Tony da 37  
*Cost of Doing Business* 211  
 CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa) 13, 262  
 Cramer, Christopher 25, 87, 309, 315, 318, 33  
 Cruz, Viriato da 143  
 Cuando Cubango 45  
 Cuanza 108, 182, 214  
 Cuanza, Rio 26  
 Cuanza Sul (Angola) 108, 182, 214  
 Cuba 25, 32, 37, 155, 248, 264  
 Cuíto Cuanavale, batalha de 17, 32, 155  
 Cunene (Angola) 98  
  
 DARON ACEMOGLU 237, 244, 343, 353  
 Davos (Suíça) 219  
 Decreto da Administração Local (1999) 177  
 Deloitte 119, 133  
 Delta do Níger 57  
 Delta Imobiliária 106, 321  
 Departamento de Estado (EUA) 258, 340  
 Departamento do Tesouro 257, 345  
 Diamang 110, 130, 310  
 Diaz, Cameron 219  
 Dinamarca 307  
 Dokolo, Sindika 159, 219  
 Dubai 20, 132, 209, 243, 253, 268, 325  
 Dundo (Lunda-Norte) 17, 107-8, 110, 112, 320-2, 333  
  
*ECONOMIST* 274, 318-20, 325, 343, 347-8  
 Elf Aquitaine 38, 69, 183  
 Emirados Árabes Unidos 262, 267  
 ENI 59  
 ENSA (Empresa Nacional de Seguros de Angola) 13, 159  
 Ernst & Young 119, 297, 351  
 Escola Francesa (Luanda) 223  
 Escola Internacional (Luanda) 223  
 Estados do G77 258  
 Estados Unidos da América 20, 32, 37, 45, 53, 58-9, 90, 239, 257-8, 262, 311, 340  
 Estaline, José 36  
 Estatuto do Indígena 55  
 Estratégia de Desenvolvimento a Longo Prazo 361  
 Etiópia 186, 289  
*Exame* 209, 338-9  
 Eximbank 91, 92, 93, 247, 273, 348  
*Expansão* 322, 325, 346, 348, 351  
 Exposição Mundial de Xangai 251  
*Expresso* 16, 278, 325, 336, 338, 347-9  
 Exxon 64, 257  
  
 FAA (FORÇAS ARMADAS ANGOLANAS) 13, 39, 40, 79, 86, 88, 108, 162, 182-5, 196, 216, 229, 245, 260-1, 282, 287, 296, 317, 330, 343, 351  
 Facebook 168-9  
 Faceira, António e Luís 79, 337  
 FAC (Forças Armadas de Cabinda) 13, 184  
 FALA (Forças Armadas de Libertação de Angola) 13, 33  
 Falcone, Pierre 68, 272, 344  
 FAPLA (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola) 13, 79, 312  
*Fastest Billion, The* 241  
 Feijó, Carlos 76, 178, 180, 330, 332-3  
 Ferguson, James 129, 228-9, 309, 324, 341  
 Ferreira, Manuel Ennes 11, 56, 215, 305, 325, 34  
 Ferreira Ramos, José 209  
 FESA (Fundação Eduardo dos Santos) 13, 161, 328, 347  
 Figueiredo, Elísio de 246  
*Financial Times* 11, 117, 221, 319, 323, 340, 342-3  
*Flash* 228  
 FLEC (Frente para a Libertação do Enclave de Cabinda) 13, 42, 183-4, 333



FMI (Fundo Monetário Internacional) 13, 67, 69, 89, 135, 199-200, 236, 245, 255-8, 270, 316, 319, 335-6, 344-5

FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) 13, 30, 31, 32, 35, 42, 145, 154, 164, 311, 327, 328

FOCAC (Forum on China-Africa Cooperation) 14, 250

*Forbes* 220, 340

França 23, 45, 69, 188

*Françafrrique* 275

FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) 14, 53

Freudenthal, Percy 57, 314

FSDEA (Fundo Soberano de Angola) 14, 267-70, 346-7

Fundação Africana da Inovação 162

Fundação Dokolo 159

Fundação Fundanga 162

Fundação Lwini 162

Fundo Soberano 14, 236, 240, 263, 265, 267-70, 335, 346-7

Futungo de Belas (palácio de Luanda) 74

GABÃO 149, 330

Galp Energia 276, 279

Gato, Lukamba Paulo 166

Gbagbo, Laurent 261

GEFI (Sociedade de Gestão e Participações Financeiras) 148, 327

Geraldão (Geraldo Walter) 149

Githongo, John 238

Global Witness 70, 89, 315-6, 357

Golden Lion, casino (Talatona) 117

Goldman Sachs 222

Gomes, Carlos 261

GOSPLAN (Gosudarstvennyy Planovyy Komitet) 14, 116

Graça, Job 301

Grande Família do MPLA 148

GRN (Gabinete de Reconstrução Nacional) 14, 78, 93, 99, 101, 103-4, 106, 107, 320

Grupo Alpega 197

Grupo César e Filhos 197

Grupo de Queensway 271, 274-5, 348

Grupo dos 40 por cento 211

Grupo Escom 272

Grupo Mbakassi e Filhos 197

Grupo Mello Xavier 197

Grupo Veleiro 213

Grupo Wapossoka 197, 213, 338

Guerra Civil (1992-2002) 6

Guerra Fria 19, 25, 33, 36, 58, 65, 116, 141, 146, 169, 197, 220, 242, 244, 252, 350

Guerra, Sérgio 149

Guiné 14, 31, 53, 149, 260, 272, 284, 295

Guiné-Bissau 260, 284

Guiné Equatorial 149, 295

Gulf Oil 13, 57, 58

HÉLDER BATAGLIA 272, 346

Heydemann, Stephen 147, 326

Hezbollah 258, 345

Hibou, Bérénice 126, 324, 331, 334

Hobsbawm, Eric 318

Hodges, Tony 80, 316, 317, 334

Hong Kong 92, 209, 243, 253, 264, 271, 273

Hora Quente 221

Hospital Central de Luanda 99

Hotel Tivoli (Talatona) 117

Hotel Trópico (Luanda) 166

Houston (Texas) 264

HSBC 203

Huambo 17, 38, 45, 94, 95, 96, 215, 331, 339

Human Rights Watch 89, 312, 322, 333, 334

IBIZA 118

Idi Amin 65

Ilha de Luanda 19, 113

Iliffe, John 216, 338-9

INAR (Instituto Nacional para os Assuntos Religiosos) 14, 170

Irão 304, 314

Iraque 258, 264

Israel 252, 258, 259

Itália 23

JAIME, AGUINALDO 88, 199, 278, 301, 340

Jamba 17, 33, 311

JMPLA (Juventude do Movimento Popular de Libertação de Angola) 14, 147, 170

Joanesburgo 266

*Jornal de Angola* 160, 281, 321, 336, 341, 346, 349-50

Jumbo 111

JURA (Juventude Unida Revolucionária de Angola) 14, 33

KABUSCORP (KANGAMBA BUSINESS CORPORATION) 162, 330

Kagame, Paul 289

Kangamba, Bento 218, 227, 329-30, 341

Karl, Terry Lynn 63

Khadafi, Muammar 275

Kilamba (Luanda) 93, 100, 105-8, 110, 135, 287, 321-2

Kimberley Process 262

King's College (Londres) 221

Kinshasa (República Democrática do Congo) 260, 343

Kirchner, Cristina 272

Kohli, Atul 298, 352, 359

Kopelipa (General Manuel Hélder Vieira Dias Jr.) 93, 101, 106, 169, 212, 265, 277, 281, 318

Kosovo 100

KPMG 119, 323, 336

Kuduro 163, 170, 171, 228-30

Kukanova, Tatiana 71

LAGOS (NIGÉRIA) 27, 261

Lara, Lúcio 72, 143

Le Carré, John 93

Lee Kuan Yew 136

Lei da Probidade Pública 236, 342

Lemos, Francisco de 266, 267

Lewis, Peter 12, 200, 336, 343

Líbia 275

Liceu Salvador Correia (Luanda) 71

LIMA (Liga da Mulher Angolana) 14, 33

Linz, Juan 42, 312

*Lions on the Move* 241

Lisboa 11-2, 31, 37, 53, 58, 209, 223, 243, 277, 280, 314, 317, 323, 328, 338-9, 345-53

Lobito (Benguela) 17, 71, 96, 98, 320

Londres 60, 61, 218, 221, 243, 264, 266, 282, 315, 316, 318, 334, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365

Lopes, Filomeno Vieira 169

LR Group 108, 182

Luanda 10, 12, 16-20, 26-32, 35, 38, 40, 43-6, 52-4, 58-60, 71, 74, 86, 88, 90, 94-101, 105-7, 108, 112-8, 127, 132-5, 145, 152, 154-5, 158, 160-1, 164, 166-70, 174, 178, 183-7, 202, 205, 212, 217-8, 221-5, 229, 231-3, 247, 249-54, 257, 259-62, 270, 273, 275, 277, 280, 284, 288, 295, 307-52

Luanda Sul 114, 117, 166

Luau (Moxico) 17, 31

Lubango (Huíla) 17, 214, 342

Luena (Moxico) 17, 85, 96, 113, 320, 333

Lula (Luiz Inácio Lula da Silva) 286, 350

*Lunch with the FT* 340

Lunda-Norte 107, 110, 155, 182, 183, 310, 321, 328, 331, 333

Lunda-Quioco 165

Lunda-Sul 182, 331-3

Luxemburgo 209

MABOQUE, PRÉMIO DE JORNALISMO 160, 329

Machete, Rui 281, 349

Maçonaria 348

Madagáscar 272

Maianga (Luanda) 114, 288

Mailey, J.R. 12, 273-4, 340, 347-8  
 Maiombe, montanhas do 183  
 Malanje 17, 38, 95-7, 111, 182, 214, 310, 322  
 Mali 261  
 Mangueira, Archer 267, 301  
 Manuel, Armando 269  
 Mao Zedong 35  
 Marcos, Imelda 136  
 Maria, Adolfo 54  
 Marques, Rafael 10, 182, 204, 208, 328, 336, 340  
 Martins, Ismael Gaspar 91  
 MAT (Ministério da Administração Territorial) 14, 177, 324, 331, 332  
 Matos, João de 40, 79, 317  
 Mausoléu de Agostinho Neto (Luanda) 252  
 MBA (Masters of Business Administration) 210  
 McGregor, Richard 153, 327  
 McKinsey 119, 343  
 McMullen, Christopher 257  
 Messiant, Christine 11, 33, 154, 161, 222, 310-3, 325-6, 328-9, 334, 340  
 México 139, 264  
 Miala, Fernando 151, 327  
 Miami Beach (Luanda) 221  
 Miami (Florida) 113, 132, 217, 219  
 Millennium BCP 202, 276  
 Millennium BCP (banco) 202, 276  
 MINARS (Ministério da Assistência e Reinserção Social) 14, 88, 318  
 MINFIN (Ministério das Finanças) 61, 67-8, 77, 93, 199, 257, 267, 273, 313-4, 316, 319, 335, 346  
 Ministério da Indústria 101, 321  
 Ministério das Obras Públicas 93  
 Ministério do Petróleo 58, 62  
 Minoru, Valdomiro 259, 345  
 Miramar (Luanda) 114  
 Mitrelli Group 109  
 Mitterrand-Pasqua (Angolagate) 69, 255, 344  
 M'Link 149  
 Mobutu Sese Seko 30, 75  
 Moçambique 14, 31, 53, 186, 197, 272, 313, 329  
 Moco, Marcolino 151, 316, 327, 330  
 MOFCOM (Ministério do Comércio da República Popular da China) 273  
 Morais, Jean-Claude Bastos de 268  
 Morais, José Pedro 130, 199, 256, 335  
 Morgan Building (Nova Iorque) 272  
 Mosquito, António 197, 330  
 Movimento Nacional Espontâneo 161  
 Moxico 31, 40, 85, 162, 186  
 MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) 14, 21-4, 30-3, 36-79, 82, 84-7, 92, 94, 100, 104-5, 107, 114, 120, 124-9, 131-97, 205-6, 222-3, 229, 236, 240, 246, 249, 252, 258, 261-2, 281-2, 285-92, 295-6, 299-321, 324-32, 334-5, 339, 347-51, 355, 359-61  
 Mussulo (Luanda) 16, 229  
 NAÇÕES UNIDAS (ONU) 14-5, 37, 39, 41, 68, 87, 89, 100, 115-6, 122-4, 130, 147, 258, 311, 318  
 Namíbia 37, 39  
 Nascimento, Lopo do 42, 92, 151, 361  
 N'dalatando 17, 98  
 Ndunduma 151  
 Neier, Aryeh 90, 319  
 Neto, Agostinho 11, 33, 57, 72, 143, 144, 252, 314  
 Newitt, Malyn 27, 310, 313, 325, 361  
 Nigéria 21, 57, 62, 205, 211, 215, 261, 286, 290  
 Noite e Dia 171  
 Noruega 260, 267  
 Nosso Super 100, 104, 110-1, 322  
 Nova Iorque 163, 218, 243, 266, 311, 316, 319  
 Nova Marginal (Luanda) 113

Nova Vida (Luanda Sul) 166  
 Novo Jornal 320, 321, 322, 323, 330, 332, 339, 340, 341, 342, 350, 351  
 NRSA (Nova Rede de Supermercados de Angola) 111  
 Nunda, Geraldo Sachipengo 79  
 Nunes Júnior, Manuel 301  
 N'zau Puna, Miguel 37  
 OAA (ORDEM DOS ADVOGADOS) 159  
 Obiang (Teodoro Obiang Nguema Mbasogo) 295  
 OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico) 14, 248, 279-80, 336, 340, 349  
 Odebrecht 111, 182, 259  
 Oliveira, Eduardo Costa 130  
 OMA (Organização da Mulher de Angola) 14, 147, 170  
 OM (Ordem dos Médicos) 159  
 Open Society Institute 14, 89, 90, 319  
 OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) 14, 224, 262  
 Opus Dei 348  
 Ordem dos Advogados de Angola 332  
 Organização da Unidade Africana 14, 143  
 PACAVIRA, ROSA 185  
 Pacheco, Fernando 10, 180, 288, 320, 322, 324  
 PAIGC (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde) 53  
 Palanca (Luanda) 162-3  
 Paraná (Brasil) 101  
 Partido Comunista 133, 143, 153, 271  
 Partido Comunista Cubano 133  
 Partido Comunista Português 143  
 Pearce, Justin 10, 189, 318, 331, 352  
 Pepetela (Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos) 81, 168, 217, 309, 330, 339, 342  
 Pequim 209, 249, 250, 272  
 Pérez Alonso, Juan Pablo 224  
 Petrochina 266  
 Petrofina 58  
 Pinóquio (Lisboa) 218, 339  
 Pinto, Inglês 208  
 PIR (Polícia de Intervenção Rápida) 14, 38, 80  
 Pitcher, Anne 12, 147, 197  
 Pitra, António 301  
 Portugal 12, 30, 37, 45, 50, 53, 58, 183, 211, 222, 240, 251-2, 258-64, 268, 275-81, 284, 315, 340, 342, 346, 348  
 PPE (Pessoa Politicamente Exposta) 14, 280  
 Praia do Bispo (Luanda) 113  
 Presidente Gasolina 171  
 Presídio 153  
 PRESILD (Programa de Reestruturação do Sistema de Logística e de Distribuição) 14, 100, 104, 111, 135  
 Primavera Árabe 168  
 PRI (Partido Revolucionário Institucional) 14, 139  
 Própria Lixa 171  
 Prós e Contras 278, 349  
 PRS (Partido da Renovação Social) 14, 164-5, 168, 287, 329, 333  
 Público 278, 340, 346-51  
 QATAR 262  
 Quantum Global Investment Management 268  
 Queensway, Grupo de 271, 273-5, 347-8  
 RAIMUNDO, BENTO 163  
 Reagan, Ronald 35, 61  
 Reino Unido 45, 67, 255, 268, 275  
 Rela, José Manuel Zenha 53, 313, 363  
 Renaissance Capital 241, 343  
 Renan, Ernest 155  
 Renato Aguilar 208

Revolta Activa 144  
 Rich, Marc 60, 314-5  
 Ridge Solutions 209, 213  
 Rio de Janeiro 217, 224, 280  
 Riquinho 220  
 Roberto, Holden 30  
 Robinson, James 237, 244, 324, 343  
 Rocha, Manuel Alves da 10, 134, 222, 337, 342  
 Rolex 218  
 Rolls Royce 210  
 Rosneft 266  
 Ruanda 289  
  
 SADC (COMUNIDADE DE  
 DESENVOLVIMENTO DA ÁFRICA  
 AUSTRAL) 14, 261, 286, 342, 345, 350  
 Samakuva, Isaiás 167  
 Sambizanga (Luanda) 71  
 Santos, Ana Paula dos 198  
 Santos, Isabel dos 211-2, 218-21, 265, 276, 336, 340  
 Santos, José Eduardo dos 14, 20, 33, 37, 38-41, 47, 51, 62, 67-8, 72, 74, 79-80, 82-3, 85, 90, 105, 125, 137, 193, 253, 281, 293-6, 321, 324, 331, 335, 337, 344, 351  
 Santos, José Filomeno «Zenú» dos 268, 293  
 Santos, Tchizé dos 218, 219, 330  
 São Tomé e Príncipe 349  
 Savile Row 148  
 Savimbi, Jonas 19, 33-40, 42, 72, 85-6, 155, 158, 165-7, 311, 317, 329-30  
 Schubert, Jon 10, 172, 341  
 Sciascia, Leonardo 75, 316  
 Scotts (Londres) 221  
 Securities and Exchange Commission (EUA) 257  
 Senado (EUA) 203, 257, 336, 340, 345  
 Serra Leoa 27  
 Severino, Carlos 205, 337, 338  
 Shaxson, Nicholas 70, 78, 312, 315, 316, 317, 324, 334, 346  
  
 Shop-Rite 111  
 SIE (Serviço de Inteligência Externa) 14, 80  
 SIIND (Sonangol Investimentos Industriais) 14, 101, 266  
 SINFO (Serviço de Informação) 14, 80, 184, 185, 331  
 Singapura 243, 253, 264, 273  
 Sinopec 273, 347  
 SIS Pitches 113  
 Sobrinho, Álvaro 204, 280, 336, 349  
*Sol* 276  
 Sonangol 14-5, 41, 47, 51, 57-67, 71-2, 75, 80, 82, 84, 101, 106, 116, 159, 161, 200, 202-5, 240, 244, 250, 263-5, 266-7, 269-76, 291, 294, 299, 314-5, 319, 321, 328, 330, 337, 339, 342, 345-7, 349  
 SONATRACH 14, 59, 315  
 SONIP (Sonangol Imobiliária e Propriedades) 15, 106, 266  
 Soromenho, Castro 186, 333  
 Sousa, Bornito de 177, 301  
 Soyo 17, 116  
 St Paul's School for Girls (Londres) 220  
 Sudão 254, 264, 266  
 Sudeste Asiático 118  
 Suíça 323  
 SWAPO (Organização do Povo do Sudoeste Africano) 15, 39  
  
 TAAG LINHAS AÉREAS ANGOLANAS 15, 98, 209, 330  
 Taça das Nações Africanas 98, 184  
 Talatona (Luanda) 101, 114, 117, 228, 321, 332, 341  
 Tanzânia 186, 272  
*Tchilar* 228  
 Teixeira de Sousa, Moxico 31  
 Texaco 58  
 Thales 255  
 Theroux, Paul 20, 309  
 Timberlake, Justin 219

Timor-Leste 100  
 Total 15, 255  
 TPA (Televisão Pública de Angola) 160, 228, 328  
 Triângulo das Bermudas 69, 70, 270  
 Tunísia 126  
 TV Zimbo 211, 286  
  
 UEA (UNIÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS) 15, 159  
 Uganda 307  
 UNAC (União Nacional dos Artistas e Compositores) 15, 159  
 UNAP (União Nacional de Artistas Plásticos) 15, 159  
 União Africana 261, 286  
 União Soviética 14, 32, 37, 53, 314  
 UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola) 15, 25, 30-3, 35-45, 48, 57, 61, 67, 69, 75, 79-80, 82, 85-8, 136, 145-52, 155-8, 164-8, 172, 174-6, 184, 189, 196, 245-6, 249, 257, 260, 286-8, 303-4, 310-2, 317-8, 326-33, 343, 350  
 UNITEL 211, 336  
 UPA (União das Populações de Angola) 15, 30, 31, 154  
 US-China Economic and Security Review Commission 273, 359  
  
 VACA LOUCA DO KUDURO 171  
 Valentim Amões 197, 338  
  
 Vallée, Olivier 67, 315, 320, 335, 364  
 Venezuela 215, 264, 272, 304, 356  
 Viana (Luanda) 101, 349  
 Vicente, Manuel 65, 76, 106, 200, 212, 265, 267, 272, 279, 281, 285, 294, 295, 301, 302, 337, 349  
 Vidal, Nuno 152, 313, 327, 328, 361, 365  
 Vines, Alex 257, 311, 312, 319, 323, 324, 345, 346, 347, 349, 355, 359, 365  
  
 WAKU KUNGO (ANGOLA) 108, 110  
 Wall Street 323  
 Weber, Eugen 188, 333, 365  
 WikiLeaks 258, 340  
 Williams (equipa de Fórmula 1) 12, 209  
 Windeck 117  
  
 XANGAI 251  
  
 YUKOS 266  
  
 ZAIRE 30  
 Zaire (Angola) 63  
 Zâmbia 13, 39, 97, 144, 343  
 ZEE (Zona Económica Especial) 15, 16, 93, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 135, 251, 320, 321  
 Zimbabué 272  
 ZON 276  
 Zuma, Jacob 262, 345  
 Zurique 243

# MAGNÍFICA E MISERÁVEL

foi composto em caracteres Hoefler Text e  
impresso pela Guide, Artes Gráficas, sobre  
papel Coral Book de 80 g, no mês  
de Outubro de 2015.